



## **O filme 2012, a ética da responsabilidade e a narrativa acerca do fim do mundo: entre desvios e silenciamentos<sup>1</sup>**

Edson Fernando Dalmonte<sup>2</sup>

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

**Resumo:** Tomando por base o filme 2012 (2009), propõe-se uma reflexão acerca das questões éticas presentes naquela obra. Discute-se a ética da responsabilidade, que situa o homem num novo contexto, no qual a natureza não deve ser vista como lugar da dominação e realização egoísta do homem. A nova ética necessita sair do reducionismo antropocêntrico, situando o homem como um ser integrado à natureza e responsável por ela. Ao longo do filme 2012, notam-se estratégias discursivas que desviam o foco da discussão sobre, por exemplo, o aquecimento global, classificado como fenômeno natural, independente da ação humana. Para justificar tal posição narrativa, são feitos desvios e silenciamentos discursivos.

**Palavras-Chave:** Ética. Comunicação. Discurso.

### **1. A ética da responsabilidade: superação do antropocentrismo**

Para os objetivos do presente artigo, busca-se uma articulação entre a obra do filósofo Hans Jonas, em especial o conceito de responsabilidade, ou *princípio responsabilidade*, e a narrativa acerca do fim do mundo apresentada pelo filme 2012 (2009). Com o objetivo de estabelecer uma crítica, busca-se localizar elementos capazes de evidenciar o posicionamento norte-americano sobre o fenômeno cataclísmico que, segundo evidencia o filme, resulta de uma ação da natureza, em nada dependente da ação humana.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação, professor de Comunicação e Ética e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. E-mail: [edsondalmonte@uol.com.br](mailto:edsondalmonte@uol.com.br)



Hans Jonas nasceu em 1903, em Mönchengladbach, na Alemanha, e veio a falecer em 1993. De origem judaica, recebeu sólida formação humanística. Foi aluno de Husserl e Heidegger. Em 1934, vê-se obrigado abandonar a Alemanha por causa da ascensão do nazismo ao poder. Em 1966, publica *O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica*, que é lançado no Brasil em 2004, em cuja obra estabelece os parâmetros de uma filosofia da biologia. De maneira enfática, discute sobre aquilo que considera um equívoco: isolar o homem do resto da natureza, que resulta de uma tentativa de imaginá-lo desvinculado de outras formas de vida. A vida, para o autor, apenas pode ser compreendida na totalidade das relações homem-natureza, pois um depende do outro.

A partir de tais reflexões, Jonas coloca-se na busca das bases de uma nova ética, que ele denomina “ética da responsabilidade”. Como resultado de tais questionamentos, em 1979 publica *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, que em 1984 é traduzido para o inglês e, em 2006, para o português. A preocupação fundamental do autor está numa crítica à ética tradicional que, centrada no humano, deixava de lado a natureza e as coisas extra-humanas.

Logo no prefácio, alerta o autor: “a tese de partida deste livro é que a promessa da tecnologia moderna se converteu em ameaça, ou esta se associou àquela de forma indissociável” (Jonas, 2006, p.21). As novas relações mediadas pelas tecnologias não são vistas apenas pelo lado negativo, mas há uma preocupação em questionar o desenvolvimento de outras relações sociais a partir de tal impacto.

Inicialmente, o autor apresenta uma maneira tradicional de conceber a relação do homem com a natureza: “a violação da natureza e a civilização do homem caminham de mãos dadas” (Jonas, 2006, p.32). O homem domina a natureza para ordenar a sua vida, ele cria a sua vida como vida humana. Terra e mar, como fontes de bens são inesgotáveis. A única herança da natureza, que lembra ao homem seu estado “natural”, que o aterroriza, é a morte, que não se dobra a sua astúcia.

Nessa perspectiva, “a natureza não era objeto da responsabilidade humana – ela cuidava de si mesma e, com a persuasão e a insistência necessárias, também tomava conta do homem: diante dela eram úteis a inteligência e a inventividade, não a ética”. (Jonas, 2006, p. 34). Com a formação das cidades, ou o “artefato social onde homens lidam com homens”, inteligência e moralidades devem caminhar juntas, pois



determinam a alma da cidade e, por conseguinte, do homem em interação com seu semelhante.

Para situar o que vem a ser uma nova ética, antes o autor elenca o que chama de “Características da ética até o momento presente” (Jonas, 2006, p.35-37), ou ética do passado:

1. todo o trato com o mundo extra-humano, isto é, todo o domínio da *techne* (habilidade) era – à exceção da medicina – eticamente neutro. Em suma, a atuação sobre objetos não humanos não formava um domínio eticamente significativo;
2. a significação ética dizia respeito ao relacionamento direto do homem com o homem, inclusive o de cada homem consigo mesmo; toda ética tradicional é antropocêntrica;
3. a entidade “homem”, em sua essência, não era objeto da *techne* (arte) reconfiguradora;
4. o bem e o mal, com o qual o agir tinha de se preocupar, evidenciavam-se na ação, seja na própria práxis ou em seu alcance imediato, e não requeriam um planejamento de longo prazo. O comportamento correto possuía seus critérios imediatos e sua consecução quase imediata. O longo trajeto das conseqüências ficava ao critério do acaso, do destino ou da providência. A ética tinha a ver com o aqui e agora. Homem bom era o homem virtuoso;
5. na ética tradicional, havia um foco no círculo imediato da ação: “ama o teu próximo como a ti mesmo”, “Faz aos outros o que gostaria que eles fizessem a ti”, “Nunca trate os teus semelhantes como simples meios, mas sempre como fins em si mesmos”. Em todas essas máximas, aquele que age e o “outro” de seu agir são partícipes de um presente comum, o que explicita a preocupação com uma rede de relações imediatas. O universo moral consiste nos contemporâneos, e o seu horizonte futuro limita-se à extensão previsível do tempo de suas vidas.

Esse antigo cenário da ética foi profundamente modificado, tendo-se em vista que a técnica moderna introduziu ações novas e grandiosas e, como resultado, a ética



antiga não consegue mais enquadrá-las. Exemplo disso é a atual concepção de vulnerabilidade da natureza, antes sequer imaginada e que atualmente se dá a conhecer exatamente por seus danos já produzidos. Dentre as novas preocupações está o meio ambiente, que faz surgir “um objeto de ordem inteiramente nova, nada menos que a biosfera inteira do planeta, cresceu-se àquilo pelo qual temos de ser responsáveis, pois sobre ela temos poder” (Jonas, 2006, p.39). Chegamos, dessa forma, a um novo estágio acerca da relação homem-natureza, tendo-se em vista que a natureza deve ser vista como responsabilidade humana, sendo esta uma novidade sobre a qual a ética deve ser (re) pensada.

Há, dessa forma, uma necessidade de transição de uma ética antropocêntrica para um modelo relacional, incluindo todo o mundo da vida. Como Jonas escolhe Kant como grande interlocutor, com quem concorda e discorda, em sua visão, deve ser repensada a distinção entre fim e meio, ou seja, o que é propriamente do homem (tradicionalmente visto como único ser com fim em si mesmo), e meio (categoria atribuída às coisas, a tudo que não é humano e está a serviço da realização humana, um meio para se chegar ao fim). Como diz o autor: “Isso significa procurar não só o bem humano, mas também o bem das coisas extra-humanas, isto é, ampliar o reconhecimento de ‘fins em si’ para além da esfera do humano e incluir o cuidado com estes no conceito de bem humano” (Jonas, 2006, p.41).

Com isso, a concepção kantiana de dignidade, atribuída ao homem, único ser com fim em si e jamais meio, não deve ser diminuída, mas ampliada. Homem e natureza devem estar associados e, juntos, perseguem o fim em si, ou seja, a realização de suas potencialidades, numa situação de co-dependência.

Diante do mundo da nova técnica, que celebra a si mesma como a busca perpétua do progresso e da superação, a crise se instaura quando a esfera do produzir invade o espaço do agir essencial. Desde esse momento, segundo Jonas (2006, p.44), “a moralidade deve invadir a esfera do produzir, da qual se mantinha afastada anteriormente, e deve fazê-lo na forma de política pública”. De forma inovadora, a política pública deve lidar com assuntos amplos e que demandam projeções temporais longas. A natureza fundamental da política foi modificada pela natureza do agir humano.



## 2. Entre silenciamentos e desvios

A renovação dos pressupostos éticos pode começar com um comparativo entre os velhos e novos imperativos. Partindo do imperativo Kantiano: “age apenas segundo uma máxima tal que [tu] possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal” (Kant, 2008, p. 62 ). O “que tu possas” situa o empenho da razão em não se contradizer, marcando um exercício geral da comunidade. Deve-se avaliar, segundo Jonas (2006, p.47), que a reflexão básica não é moral, mas lógica: “o ‘poder’ ou ‘não poder’ querer expressa autocompatibilidade ou incompatibilidade, e não aprovação moral ou desaprovação”.

Nesse sentido, a contradição pode existir quando se pensa na preservação da espécie humana. Dessa forma, a

Idéia de que a felicidade das gerações presentes e seguintes possa ser paga com a infelicidade ou mesmo com a não-existência de gerações pósteras – tampouco, afinal, como a idéia contrária, de que a existência e a felicidade das gerações futuras seja paga com a infelicidade e mesmo com a eliminação parcial da presente. O sacrifício do futuro em prol do presente não é logicamente mais refutável do que o sacrifício do presente a favor do futuro. A diferença está apenas em que, em um caso, a série segue adiante, no outro, não. (Jonas, 2006, p.47).

Mas, no filme *2012* qual é papel da natureza no fim do mundo? O homem é agente, ou apenas sofre as conseqüências da ação destrutiva da natureza? Todo o protagonismo é assegurado à natureza, que desempenha o papel de provocadora do cataclisma final, culminando com o “fim do mundo, como o conhecemos” (2012, trecho), cumprindo a antiga profecia maia, que prevê o fim para 21 de dezembro de 2012. O filme inicia em 2009 com o encontro de dois cientistas, um americano e outro indiano, que se dirigem a uma mina de cobre, com 2.100 metros de profundidade. Os cientistas constatam que o planeta Terra está em rápido aquecimento, o que fica evidente com um plano fechado, mostrando a superfície em ebulição da água de um tanque que desce mais 1.800 metros.

A explicação para o aquecimento “sem precedentes” é atribuída aos neutrinos, partículas sub-atômicas, provenientes do Sol, como se vê nos trechos a seguir:



Os neutrinos atravessam a matéria quase sem distúrbio algum [...].  
a maior erupção solar na história da humanidade, causando a maior contagem de neutrinos já registrada [...].  
pela primeira vez, os neutrinos estão causando uma reação física [...].  
os neutrinos se mutaram em um novo tipo de partícula nuclear [...] estão aquecendo o centro da Terra.

Percebe-se, a essa altura, o que referencia os princípios de ação e reação no filme em questão. Toda a ação que irá culminar com a destruição do planeta Terra provém do Sol que, na condição de agente ativo, atua sobre a Terra, que sofre passivamente e começa a explicitar as conseqüências desastrosas da ação solar. Fica claro que o fim do mundo está próximo e é inevitável.

A natureza é apresentada como uma força altamente destrutiva que não se dobra a nada. Sob o ponto de vista ético, o problema é o desvio do foco, pois toda a destruição é originada na natureza e pela própria natureza. O homem apenas sofre as conseqüências. Em momento algum, fala-se de aquecimento global, fenômeno climático decorrente, sobretudo, do uso equivocado de tecnologias e exploração desenfreada dos recursos naturais.

O filme, como produto hollywoodiano, apresenta coerência com o pensamento hegemônico norte-americano, que tenta se esquivar da discussão acerca da problemática ambiental, embora ocupe a primeira posição entre os países mais poluentes e em emissão de CO<sub>2</sub>. O filme *2012* evidencia o posicionamento político norte-americano, que tem se negado a tomar posição na empreitada internacional para discutir e combater o aquecimento do planeta Terra. Os EUA recusaram-se a assinar o Protocolo de Kyoto, na Eco 92, vindo a assinar posteriormente em 2005, embora ainda não tenham ratificado tal assinatura. Da mesma forma, foi controversa a participação daquele país na 3ª Conferência Mundial sobre o Clima, que ocorreu na Suíça, no segundo semestre de 2009.

Pode-se dizer que, a partir dos recursos discursivos de silenciamento e desvio, a posição político-ideológica norte-americana apresenta-se na narrativa do filme *2012*. O aquecimento do planeta, conforme a narrativa, não resulta dos procedimentos equivocados sobre o planeta. Dessa forma, eleger-se para agente a própria natureza, ou seja, o Sol, que de fonte da vida, passa a causa de destruição, por meio dos *neutrinos*. Seguindo a lógica, nada pode ser feito, nada precisa mudar, pois o aquecimento global



tem sua origem fora do nosso espaço vital. O filme e a política norte-americana apresentam a mesma orientação no tocante às questões ambientais.

O desvio proposto pelo filme *2012*, por motivações ideológicas, apresenta uma realidade ambiental distinta, sobre a qual não se deve refletir, pois ela independe do impacto humano. Tem-se, dessa forma, um paradoxo, marcando um contraponto com a idéia de cuidado e responsabilidade, como proposto por Jonas (2006), que preconiza a necessidade de incluir a natureza no escopo das preocupações humanas. A natureza não pode mais ser vista apenas como lugar da realização e promoção do homem, mas o espaço vital de criação e recriação da vida.

### **3. Novos imperativos**

Um novo imperativo, e outros daí decorrentes, deve estar adequado ao novo agir humano, compreendido como ser de atuação responsável. Eis o novo imperativo:

Aja de tal modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a terra.

**Ou expresso negativamente:**

Aja de tal modo a que os feitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida.

**Ou simplesmente:**

Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra.

**Ou, em um uso novamente positivo:**

Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer. (Jonas, 2006, p.47-48).

O novo imperativo diz que nossa vida pode ser arriscada, mas não a da humanidade. Segundo Jonas (2006, p.48), Aquiles, o herói grego que morreu na conquista de Tróia, tinha o direito de optar por uma vida breve e cheia de glórias, em vez de uma vida longa e segura, mas não nos cabe o direito de optar por uma vida “farta”, às custas da exaustão do planeta e, por conseguinte, da não-existência de gerações futuras. As ações de hoje terão repercussão num futuro do qual não faremos parte, mas ainda assim deve ser o resultado de escolhas sensatas. Como diz o autor:



“nosso imperativo se estende em direção a um previsível futuro concreto, que constitui a dimensão inacabada de nossa responsabilidade” (Jonas, 2006, p. 49).

A relação homem-natureza deve ser pensada sob o prisma do encontro e do cuidado. Já não se pode mais pensar a natureza como invulnerável e inesgotável. Os recursos naturais são finitos e a produção de bens de consumo tem conduzido o planeta Terra para uma condição insustentável. A nova ética da responsabilidade desloca o homem do lugar daquele que recebe da natureza tudo de que necessita para sua realização, para, poderíamos dizer, numa referência a Spinoza (2009), o homem, ou seja a natureza. Se, para o discurso moderno de Spinoza, Deus e a natureza são a mesma coisa, é fundamental para o pensamento contemporâneo realocar o homem e a natureza, mudando seus papéis rumo a uma co-dependência, sob a égide do cuidado e responsabilidade.

A proposta de Jonas é reposicionar os imperativos de modo a transformá-los e, em detrimento de uma visão antropocêntrica – o homem como usuário despreocupado da natureza –, para um homem convocado ao agir consciente. Quando se olha para os novos imperativos, percebe-se, contudo, a permanência do homem como protagonista da história. Tal fato, contudo, é explicado pela convocatória ao novo agir, que deve ser o resultado de uma ação consciente e não deve visar apenas à realização humana, mas à realização também da natureza que, livre dos abusos, pode seguir.

No filme *2012*, percebe-se um posicionamento diverso no que diz respeito à relação entre o homem e o meio ambiente. Não há co-dependência. Não se fala de responsabilidade. Numa reunião do G8, em 2010, sob a chefia do presidente americano, um negro, é anunciado, privadamente, aos líderes ali presentes o que está por vir. É iniciada a construção de arcas no Tibet para salvar uma “amostra” do mundo e da raça humana, pois o planeta irá ficar submerso. Em 2011, começam a ser vendidos os primeiros bilhetes de entrada para as arcas: um bilhão de euros, cada. A nova arca, numa alusão à arca do herói bíblico Noé, pretende salvar a raça humana e uma amostra da fauna e flora, tecnologia, objetos artísticos etc.

#### **4. Conclusões**

No final do filme, 27 dias depois do embarque, os navegantes descobrem que as águas estão baixando e o continente africano começa a submergir. As embarcações



rumam para lá no ano 01 de uma nova era da humanidade que, de certa forma, marca o retorno ao lugar apontado como o berço da raça humana. De fato, o filme nos faz pensar num homem e numa humanidade novos, com novos dilemas. Estamos, pode-se dizer, numa encruzilhada: num dos caminhos, o homem pode seguir só, com suas decisões e, no outro, busca-se uma integração com a natureza. Aproveitando a metáfora do retorno, nossa civilização tecnológica precisa superar o antropocentrismo ético e recuperar o sentido de cuidado “amplo e irrestrito” com o *ethos*, lugar de realização das potencialidades, da essência de todo ser. Cabe ao homem, ser consciente, o papel de promotor dessa nova ética. No entanto, tem-se visto que as preocupações humanas estão, em larga medida, focadas na humanidade e na superação da natureza, conferindo ao homem um status diferenciado, ou daquele que se recria, que doma a natureza.

A preocupação com o devir, como cenário para a nova ética, situa também mudanças na natureza sob um outro prisma: a natureza humana. Isso porque o homem passou a figurar entre os objetos da técnica, em detrimento da perspectiva que situava a *techne* apenas em sua aplicação ao domínio não-humano. O homem não é mais apenas o protagonista dos ambientes tecnológicos, mas passa, sobretudo, a objeto de um saber e ação tecnológicos, o que terá repercussão nos seguintes assuntos: 1) **prolongamento da vida**, 2) **controle de comportamento** e 3) **manipulação genética**.

**1 – Prolongamento da vida** – se, antes, a morte era um fato dado, agora passa a ser vista como estranha à natureza do vivente, falha orgânica evitável, suscetível de ser “tratada” e adiada. Tal afirmação abre questionamentos, por exemplo, em relação aos “escolhidos” para a nova “vida”, ou ela seria para todos? Se a morte faz parte da vida e se não há mais morte, o que será das futuras gerações? No caso do filme em questão, as escolhas se dão de duas formas: são levadas “pessoas que possam contribuir” (2012, trecho), tanto por suas habilidades, como por qualidades genéticas, e a classe mais rica, capaz de pagar um bilhão de euros por bilhete. A preservação da espécie humana é direcionada por determinismos científicos e de capital e, por isso mesmo, contrária a toda diversidade, sem espontaneísmo.

A idéia de prolongamento da vida nota-se também num imaginário contemporâneo que delira com as possibilidades que apontam para uma vida longa e, quem sabe, infinita. Por exemplo, ao invés de transplante de órgãos, o que pressupõe o importante papel do doador, fala-se de reposição de órgãos. O homem passa a ser associado à máquina que, para evitar o desgaste, efetua-se a troca de peças gastas. Nesse

caso, os órgãos são produzidos e manipulados em laboratório, o que possibilita um manancial inesgotável de órgãos sempre novos. Como em uma nova criação, o homem assume o lugar de demiurgo<sup>3</sup> (Platão, 2010). Em matéria de fevereiro de 2010, a revista Super Interessante (Fig. 1) trouxe como título de capa: “Ele pode ser imortal”, e como linha de apoio: “Em 50 anos, é possível que ninguém mais morra de velho. A ciência está preparando um arsenal de drogas e tecnologia que promete manter você vivo para sempre. E com o corpo que sempre quis”.



Fig. 1 – Super interessante, edição 275, fev. 2010.

Percebe-se, dessa forma, a organização de um novo imaginário, no qual o homem não está mais à mercê dos desdobramentos da natureza, mas coloca-se como ente capaz de recriar sua existência. Descolada de qualquer determinismo, tanto físico quanto metafísico, projeta-se uma humanidade infinita e incorruptível. Dentre muitas promessas, o querer do homem poderá ser totalmente contemplado, “E com o corpo que sempre quis” (Super Interessante, 2010). Ao invés da preocupação com a totalidade da

<sup>3</sup> Ser criador, segundo Platão, como se vê em sua obra Timeu (2010).



vida, presente e futura, estaríamos vendo surgir um ego-antropocentrismo, ou um homem que fala de si, de suas demandas, e nada mais.

**2 – controle de comportamento** – a interferência clínica está focada no alívio do paciente ou no alívio da sociedade que se vê livre de comportamentos individuais difíceis de seus membros? “Devemos produzir sensações de felicidade ou ao menos de prazer pela estimulação independentemente dos centros de prazer, quer dizer, independentes dos objetos da felicidade e do prazer e da sua obtenção na vida e no desempenho pessoal?” (Jonas, 2006, p.60). A natureza humana está sendo modificada e, por exemplo, a alegria/felicidade, ao invés de “coroamento” de ações e empenho de energia, passa a ser alcançada por métodos sintéticos.

**3 – manipulação genética** – atualmente, o ideal do *Homo faber* está condensado no interesse em tomar em suas mãos a sua própria evolução, com o objetivo não apenas de conservar a espécie, mas, sobretudo, de melhorá-la e modificá-la segundo seu próprio projeto. “Saber se temos o direito de fazê-lo, se somos qualificados para esse papel criador, tal é a pergunta mais séria que se pode fazer ao homem que se encontra subitamente de posse de um poder tão grande diante do destino”. Na seqüência, de maneira desconcertante, pergunta Jonas: “Quem serão os criadores de ‘imagens’, conforme quais modelos, com base em qual saber?”. (Jonas, 2006, p.61).

O pensamento de Hans Jonas é provocativo e indaga a cada um de nós. Todos somos convocados a grandes e pequenas reflexões. As grandes, dizem respeito ao futuro do planeta, à natureza, ao homem. As pequenas nos fazem pensar no uso da água, no consumo excessivo, naquele mamão que estraga na geladeira, mas que seguramente está ligado a algo maior, ou à consciência acerca da vida, que não diz respeito apenas ao presente, ao grupo relacional de um indivíduo – *network* –, mas se estende a todos, até os que ainda estão por vir.

Para finalizar, segundo Jonas, quando uma inovação tecnológica vai ser posta em prática, a sociedade pode pensar tanto nos aspectos positivos quanto nos negativos. Para o autor, deve-se refletir profundamente sobre os aspectos negativos e eles devem ser considerados, servindo de baliza para as ações atuais (Jonas, 2006, p.72 e 77-81). Caso o resultado seja positivo, a sociedade toda ganha, caso seja negativo, o futuro sai perdendo. Tanto em um caso como no outro, não estaremos lá pra ver, festejar ou sofrer.



Esta é a nova proposta ética de Hans Jonas: do presente, pensar o futuro; mais que projetá-lo, importar-se com ele.

O futuro previsto pelo filme *2012* é excludente e todo pautado por dilemas tais como sobre o fato de a população dever ou não saber do fim trágico próximo, para que possa ter direito de escolher com quem estar na hora fatídica, promover reconciliações etc. A informação é controlada e com base em desvios e silenciamentos, tudo é manipulado. O destino da humanidade e de todo o seu processo civilizatório fica restrito a um pequeno grupo, que toma todas as decisões e impõe sua vontade. A produção hollywoodiana mostra-se em estreita ligação com o posicionamento ideológico norte-americano e, num plano global, lança idéias sobre a relação homem-natureza. Em detrimento de uma visão marcada pela preocupação com o impacto das ações humanas no meio ambiente, veicula-se a idéia de uma total independência entre homem e natureza.

## Referências

JONAS, Hans. **O princípio vida**: fundamentos para uma biologia filosófica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2008.

PLATÃO. **Diálogos**. Vol. V. O banquete; Ménon; Timeu; Crítias. Bauru, SP: Edipro, 2010.

**Super interessante**, edição 275, fev. 2010.

## Filme:

**2012**. Direção: Roland Emmerich. Columbia Pictures. 2009, DVD (158 min).